

**ALFABETIZAÇÃO - LEITURA DO MUNDO,
LEITURA DA PALAVRA - E LETRAMENTO:
ALGUMAS APROXIMAÇÕES**

*Literacy - Reading of the World, Reading of the
Word - and Letramento: Some Approaches*

Mariléia Gollo de Moraes¹

RESUMO: Neste artigo, resgato em Freire, os pontos fundantes de uma prática alfabetizadora de adultos e trago presente alguns conceitos de letramento com a finalidade de discutir as aproximações entre a concepção freireana de alfabetização - leitura de mundo e leitura da palavra - e as diferentes concepções de letramento. Talvez, se tenha criado um novo termo para designar o que Freire já antecipava há quatro décadas. Por fim, anuncio alguns elementos da atualidade do legado de Freire.

PALAVRAS-CHAVE: Freire; alfabetização; letramento; adultos, atualidade

ABSTRACT: In this article, I rescue in Freire, the ground points of an alphabetical practice of adults and bring some lettering concepts with the

¹ Pedagoga e Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais pela URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim, Mestranda em Educação pelo PPGEDU-UFRGS. Professora da URI – Campus de Erechim – e da rede pública estadual. Atuou na formação pedagógica dos educadores do Programa Alfabetização Solidária – PAS – do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos – MOVA/RS – do Programa Alfabetiza RS e da Educação de Jovens e Adultos – EJA. marileiagm@uri.com.br

purpose of discussing the approaches between the Freire literacy conception – world reading and reading of the world – and the different lettering conceptions. Maybe, a new term has been created to designate what Freire had already advanced four decades ago. Finally, I announce some elements of the present time that are part of the legacy of Freire.

WORD-KEY: Freire; literacy; lettering; adults, present time.

No intuito de trazer um olhar comprometido com a especificidade e a complexidade do processo de alfabetização de adultos, resgato em Freire os pontos fundantes de uma prática alfabetizadora e trago presente alguns conceitos de letramento com a finalidade de discutir as aproximações entre a concepção freireana de alfabetização - leitura de mundo e leitura da palavra - e as diferentes concepções de letramento

Paulo Freire responde através de uma carta a pergunta: *para que alfabetizar?*

“[...] para que as pessoas que vivem numa cultura que conhece as letras não continuem roubadas de um direito –o de somar à ‘leitura’ que já fazem do mundo a leitura da palavra, que ainda não fazem”. (FREIRE, apud BARRETO, 1998, p. 77)

Como princípios fundantes na alfabetização de adultos considera nove pontos:

1. A *alfabetização* é um ato de conhecimento, um ato de criação, e não de memorização mecânica de letras e de sílabas;
2. Os *alfabetizandos* devem ser desafiados a assumir o papel de sujeitos do processo de aprendizagem da escrita e da leitura;
3. O *programa* deve surgir de pesquisa do universo vocabular dos alfabetizandos, que nos dá igualmente o universo temático da área;
4. A compreensão da *cultura* como criação humana: homens e mulheres com seu trabalho fazem ao mundo que não fizeram;
5. O *diálogo* como caminho de conhecimento deve caracterizar a prática da alfabetização;
6. As *palavras geradoras* são fonte de motivação porque lembram situações existenciais da realidade e da própria vida dos

alfabetizando. Servem de referência para a criação de situações que permitem o seu debate e após a codificação;

7. Jamais dicotomizar escrita de leitura. Não há uma sem a outra, e é fundamental exercitar ambas sistematicamente. O aprendizado da escrita e da leitura deve melhorar a oralidade, daí a necessidade de sua prática;

8. Que se leve em consideração o que significa pra um adulto de trinta, de quarenta anos, habituado com o peso de seu instrumento de trabalho, passar a manipular o lápis;

9. Considere-se, ainda, a insegurança do adulto iletrado, que se agrava se ele se sente tratado como criança.

Para Freire a *leitura de mundo* precede a leitura da palavra, pois antes da aquisição do código da leitura e da escrita, o ser humano já decodifica os códigos do entorno de qual faz parte: “[. . .] apreendendo as relações entre os objetos e a razão de ser dos mesmos, o sujeito cognoscente produz a inteligência dos objetos, dos fatos, do mundo” (FREIRE, 1994, p. 225).

Trago algumas concepções de letramento, já que não se pode falar em um conceito único, pois seu sentido não é unânime entre os estudiosos do assunto como Soares (2003), Tfouni (1995), Kleimann (1995), Ferreira (2002) e Britto (2003) e faço uma tentativa de diálogo com a concepção de alfabetização de Freire.

Soares e Tfouni distinguem alfabetização e letramento e atribuem ao letramento características mais complexas do que o domínio da habilidade de leitura e escrita.

Soares acredita que a apropriação destas habilidades culminaria em práticas sociais de leitura e escrita:

Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se *letramento*, que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse

...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever, atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor ... (SOARES, 2003, p. 91-92)

Toufni entende por letramento um processo de natureza sócio-histórica:

“Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade.” (TFOUNI, 1995, p. 20)

Ferreiro considera a leitura e a escrita como construções sociais sendo que cada época e momento histórico lhe atribuem novos sentidos, mesmo não simpatizando com o uso do termo², também compreende o letramento como algo para além do básico ler e escrever ao destacar que “Os países pobres não superaram o analfabetismo; os ricos descobriram o *iletrismo*” (FERREIRO, 2002, p. 16). Entende por *iletrismo* o novo nome dado a esta realidade:

[. . .] a escolaridade básica universal não assegura a prática cotidiana da leitura, nem o gosto de ler, muito menos o prazer da leitura. Ou seja, Há países que têm analfabetos (porque não asseguram um mínimo de escolaridade básica a todos os seus habitantes) e países que têm iletrados (porque apesar de terem assegurado esse mínimo de escolaridade básica, não produziram leitores em sentido pleno). (FERREIRO, 2002, p. 16)

² Britto nos informa da antipatia de Ferreiro pela utilização do termo *letramento*: a “sua admissão deita por terra toda a luta para a ampliação do conceito de alfabetização levada a cabo nos últimos trinta anos”. (BRITTO, 2003, p. 52).

Reconhece que há uma desconexão entre a alfabetização escolar e a alfabetização para uma vida cidadã, questionando: “[. . .] se a escola não alfabetiza para a vida e para o trabalho ... para que e para quem alfabetiza?” (FERREIRO, 2002, p.17). Continua as reflexões afirmando que “A alfabetização não é um luxo nem uma obrigação; é um direito” (FERREIRO, 2002, p. 38) entendendo ser necessária a alfabetização de leitores plenos, não meros decifradores.

Kleimann conceitua letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMANN, 1995, p. 19). Para ela, o fenômeno do letramento extrapola o mundo da escrita e da escola – principal agência de letramento – que se preocupa apenas com um tipo de prática de letramento, a alfabetização. Considera a família, a igreja, a rua, o lugar de trabalho como outras agências de letramento.

Nesta perspectiva traz duas concepções de letramento: o modelo autônomo e o modelo ideológico de letramento. O modelo autônomo determina as práticas escolares, o qual

Considera a aquisição da escrita como um processo neutro, que, independentemente de considerações contextuais e sociais, deve promover aquelas atividades necessárias para desenvolver no aluno, em última instância, como objetivo final do processo, a capacidade de interpretar e escrever textos abstratos, dos gêneros expositivo e argumentativo [. . .]. (KLEIMANN, 1995, p. 44)

O modelo ideológico do letramento considera que as práticas letradas são determinadas pelo contexto social, respeita a pluralidade e a diferença, e “faz mais sentido como elemento importante para a elaboração de programas dentro dessas concepções pedagógicas” (KLEIMANN, 1995, p. 58).

Nesse sentido, Britto também avança em relação à dimensão técnica, politizando a discussão sobre o letramento, recolocando-o nestes termos:

não simplesmente como a condição definida pelo que uma pessoa seria capaz de fazer usando a escrita, mas, mais globalmente, como os modos pelos quais os sujeitos e os grupos sociais se inserem nas esferas públicas se localizam nos espaços culturais e participam (ou não) dos benefícios do avanço tecnológico e econômico. (BRITTO, 2003, p. 62).

Mas como ir além da alfabetização na escola ou nos programas de alfabetização de adultos?

“Alfabetizar letrando” é a resposta de Soares:

Assim teríamos *alfabetizar e letrar* como duas ações distintas, mas não inseparáveis, [. . .] ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. (SOARES, 1998, p. 47).

Quais as condições e alternativas para realizar efetivamente o letramento? Quanto às condições para o letramento, Soares (1998) aponta duas condições: que haja escolarização real e efetiva da população e ainda disponibilidade de material de leitura, ou seja, condições concretas de acesso ao mundo letrado, para que continuem com práticas sociais efetivas de leitura e escrita para além do período de escolarização. Vem ao encontro de Britto, quando este afirma que “[. . .] a condição de maior ou menor domínio de habilidades de leitura e escrita e o exercício de atividades dessa natureza é antes o resultado da situação social que a possibilidade de maior participação.” (BRITTO, 2003, p.56).

Em meio esta discussão recoloco a concepção de alfabetização como leitura de mundo e leitura da palavra, de Freire. Se resgatarmos a dimensão problematizadora do “método” de alfabetização de Paulo Freire, onde as palavras geradoras faziam parte do mundo do adulto, onde se registrava a leitura do mundo problematizado, podemos aproximar de uma concepção ampliada de alfabetização “para além da decifração” como defende Ferreiro, e também da alternativa

proposta por Soares “alfabetizar letrando”.

O sujeito que aprende o código da leitura e da escrita em situações reais de leitura e escrita, através dos diferentes portadores de textos do mundo letrado, e não com textos que foram elaborados didaticamente para ensinar ler e escrever do tipo “o boi baba”, “jacaré bebe café”, etc. estará ao mesmo tempo aprendendo um código e envolvendo-se em práticas sociais de leitura e escrita, que provavelmente, não ficarão restritas ao espaço do grupo de alfabetização e à presença da professora alfabetizadora.

Kleimann chama a atenção para a importância de não impor ao adulto as práticas letradas majoritárias:

Para pensar na prática, precisamos conhecer as práticas discursivas de grandes grupos que se inserem precariamente nas sociedades letradas tecnologicizadas, particularmente as práticas de letramento de grupos não-escolarizados: por exemplo, quando fazem bicos, como calculam o material que necessitarão para realizar uma tarefa, quem faz o papel de escriba desses grupos, isto é, a quem recorrem quando precisam mandar uma correspondência, e como é a interação entre escriba e cliente, quais são as estratégias que eles usam quando fazem cursos de treinamento em serviço, quais são as operações mentais que eles utilizam para realizar tarefas complexas, e assim sucessivamente. (KLEIMANN, 1995, p. 57).

Até porque não se pode desconsiderar que há níveis de letramento e

Há atividades da vida prática que são vitais para a sobrevivência do sujeito na sociedade urbano-industrial e que não são adquiridas em função da escolarização nem são tidas como de maior valor e, por isso mesmo, são realizadas com relativa familiaridade por pessoas pouco escolarizadas. (BRITTO, 2003, p. 59)

Chego a uma polêmica questão: o indivíduo para ser considerado

letrado tem que ser necessariamente alfabetizado? Uma pessoa considerada analfabeta, ou seja, que não domina o código da leitura e da escrita pode ser, de certa forma, considerada letrada? Segundo Tfouni, “a explicação, então, não está em ser, ou não, alfabetizado enquanto indivíduo. Está sim, em ser, ou não letrada a sociedade na qual esses indivíduos vivem.” (TFOUNI, 1995, p. 27)

Em uma sociedade letrada, apesar de a maior parte das atividades ser organizada na forma da escrita, existem, no entanto, grupos de pessoas que delas participam de uma forma tangencial, até marginal, visto que não sabem ler nem escrever. São os não-alfabetizados. (TFOUNI, 1995, p. 67)

O sujeito do letramento, no entanto, não é necessariamente alfabetizado. [...] nem sempre estão ao seu alcance certas práticas discursivas que se materializam em portadores do texto específicos (da modalidade escrita, portanto), cujo domínio é fundamental para a efetiva participação nas práticas sociais. Existe um processo de distribuição não homogêneo do conhecimento, o qual produz tanto a participação quanto a exclusão. Sem dúvida, a exclusão é maior no caso do sujeito letrado não-alfabetizado. (TFOUNI, 1995, p. 87).

Quanto às convergências e divergências a respeito das concepções de letramento, não as considero como um jogo de forças sobre uma denominação terminológica, mas como múltiplos olhares sobre um dos direitos fundamentais do ser humano: o direito à palavra, tendo como uma das formas de expressão a leitura e a escrita. Apenas indago sobre a atualidade de Freire nessa reflexão, e ele mesmo responde:

Considerando os princípios político-pedagógicos em que me fundei, bem como certas razões epistemológicas de que tenho falado em diferentes textos, não tenho por que negar minhas proposições. Continuam hoje tão válidas quanto ontem numa

perspectiva progressista. Do ponto de vista, porém, da alfabetização em si é impossível relegar a um plano secundário os estudos atuais da sócio e da psicolingüística, a contribuição de Piaget, de Vygotsky, de Luria; a de Emília Ferrero, de Madalena Weffort, de Magda Soares Contribuições que, se bem aproveitadas, retificam e aprimoram algumas das propostas que fiz. (FREIRE, 1994, p. 165).

Esta é uma das características mais admiradas em Freire, ou virtude como denomina Scocuglia³ e também Gadotti⁴, eu acrescento dizendo que reside aqui o ponto alto de sua atualidade quando discutimos a emergência de novos paradigmas - a capacidade de lidar com as críticas e o senso de auto-crítica. Além desse aspecto, Freire é um legado para a atualidade na originalidade do seu pensamento, um pensamento engajado politicamente, crítico e esperançoso, traduzindo a denúncia em anúncio. Paulo Freire na alfabetização de adultos, nos movimentos sociais da América Latina, na reinvenção da educação formal, constituiu-se “os múltiplos Paulo Freire” como denomina Torres (2001):

[. . .] pouco importa se uns o entenderam melhor do que outros, se existiram os que compreenderam realmente o seu pensamento ou não. A maior contribuição de Paulo Freire talvez seja ter conseguido comunicar-se e conectar-se com a fibra mais amorosa e genuína de muitas pessoas – babel de idades, raças, credos, posições econômicas, sociais e ideológicas, níveis educativos, profissões e ocupações – ajudando-as a saberem que existe algo chamado educação e algo

³ “Neste caminho, a auto-crítica permanente faz parte de seu itinerário intelectual, implicando uma certa seqüência de seus escritos, o que permite rever e alterar categorias e relações” (SCOCUGLIA, 1999, p. 27).

⁴ Pela causa que Paulo defendeu, devemos continuar estudando a sua obra, não para venerá-lo como a um totem ou a um santo, nem para ser seguido como a um guru, mas para ser lido como um dos maiores educadores críticos deste século. (GADOTTI in: SCOCUGLIA, 1999, p.5)

chamado pobreza/marginalização/opressão, que existe uma relação entre ambas, que tal relação pode ser tanto de cumplicidade quanto de ruptura, útil tanto para oprimir quanto para libertar. (TORRES, 2001, p. 242)

Freire inspira confiança pela sua coerência entre o dizer o fazer, humildade, predisposição ao diálogo, testemunho de vida e seu legado pedagógico. Permite olhar as conexões eu-outro no mundo com vistas às múltiplas possibilidades de intervenção, uma vez que há condicionamentos e não determinações. Sugere que cada um se assuma como aprendente da própria história em busca do ser mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Sociedade de cultura escrita, alfabetismo e participação**. In: RIBEIRO, Vera Masagão. (Org.) Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2003. P. 47 –63.

CARBONELL, Jaume. (Org.) **Pedagogias do século XX**. Porto Alegre: ARTMED, 2003.

FERREIRO, Emília. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

KLEIMANN, Ângela B. (Org.) **Os significados do letramento: uma**

nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

RIBEIRO, Vera Masagão. (Org.) **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2003.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A História das Idéias de Paulo Freire e a Atual Crise de Paradigmas**. João Pessoa: Editora Universitária, 1999.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento e escolarização**. In: RIBEIRO, Vera Masagão. (Org.) **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2003. P. 89 – 113.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

TORRES, Rosa María. **Os múltiplos Paulo Freire**. In: FREIRE, Ana Maria (Org.) **a pedagogia da libertação em Paulo Freire**. São Paulo: UNESP, 2001.

Recebido em maio de 2005
Aprovado em setembro de 2005